

ENTREVISTA

*Arte e engajamento “em um país como o nosso”**

*Entrevista com Gontran Guanaes Netto
Por Rodrigo Chagas**
e Aline de Vasconcelos Silva****

*“eu estou associando a ditadura
como fruto do capitalismo, não como uma
aberração do capitalismo; como uma ques-
tão natural dentro do próprio capitalismo
em um país como o nosso.”
Gontran Guanaes Netto*

Esta entrevista – com tom de depoimento – dá-nos uma demonstração da perspectiva de quem viveu, como artista e militante, importantes momentos de clivagem do último meio século de história nacional, trazendo um panorama de contradições explosivas postas no país antes do infausto golpe de 1964. Nascido em 1933, na cidade paulista de Vera Cruz, o artista plástico Gontran Guanaes Netto participa de exposições individuais e coletivas desde 1955. Como professor, trabalhou na Faap, além de lecionar história da arte e gravura na Universidade de Paris e artes plásticas na Universidade de Nantes, na França, onde viveu por 16 anos, após o recrudescimento da ditadura militar brasileira com o Ato Institucional n. 5, em 1968. Sua intensa produção – com obras em vários museus do mundo – e atividades de denúncia da violência sofrida pelos povos da América Latina lhe renderam participações em importantes órgãos e associações internacionais: participou da consolidação do Museu Salvador Allende; é membro-fundador do Espaço Latino-Americano de Paris; foi vice-presidente do Museu contra o *Apartheid* instituído pela Organização das Nações Unidas; além de integrar a Associação Internacional de Artistas Plásticos da Unesco.

* Entrevista e introdução realizadas no ateliê/casa da memória do autor em Itapeverica da Serra em 12 de junho de 2009.

** Mestrando em história social pela PUC-SP.

*** Socióloga e professora.

O conjunto de sua obra traz como temática famílias, trabalhadores, os “deserdados da terra”, torturados direta ou indiretamente. Com seus bóias-frias, tema recorrente em sua obra, Guanaes Netto, como se orgulha em relatar, invadiu o *Grand Palais*.

No sentido oposto dos que acabam por revelar certo “saudosismo” do período militar brasileiro, no que se refere à criatividade e riqueza da produção artística, o entrevistado nos mostra, por meio de sua trajetória, quão arrasadora foi essa ditadura, que acabou com as esperanças de transformação social do efervescente período que antecedeu o golpe, obstaculizando brusca e violentamente a atuação de inúmeros artistas e intelectuais que, como ele, buscavam intervir na realidade brasileira.

É no relato das dificuldades que enfrenta atualmente para que sua produção encontre espaço no Brasil que Guanaes Netto, mais uma vez, revela-nos uma das faces cruéis de uma ditadura que deixou como legado um cenário de enorme desca-so para com a cultura e a educação do País.

Tendo deixado o Brasil, pressionado pelo que chama “cultura do medo”, retornou em 1985, realizando, posteriormente, em público, as obras que se encontram no Metrô de São Paulo (estações Marechal Deodoro e Corinthians-Itaquera).

Hoje, o artista de 76 anos, que se nega a participar de uma anistia multilateral, corre 11 quilômetros diariamente nas estradas de Itapecerica da Serra, continua pintando e militando em movimentos como a Escola Livre de Ciências Humanas e Arte no ABC paulista – ainda que, como ressalta, exilado em seu próprio País, sob uma ditadura institucionalizada na cultura brasileira, que atua de modo amplo e travestido de democracia.

Sendo assim, esta entrevista apresenta o depoimento e as ideias de um artista que, não obstante os vários obstáculos de um “capitalismo em um país como o nosso”, seguiu, e ainda segue, com seu trabalho e engajamento, trazendo-nos uma visão elucidativa do que foi e do que representa uma ditadura militar, contrariando inversões que podem chegar ao absurdo de afirmar que o amplo dilaceramento social comum em nosso País, intensificado e sistematizado nas ditaduras abertas, pode engendrar riqueza cultural.



Ilustração de cartão postal endereçado ao embaixador do Brasil em visita oficial a França. Com os dizeres: “O milagre brasileiro é a repressão e a exploração do povo”. Gontra Guanaes Netto, 1978.

Rodrigo Chagas: *Quando houve o Golpe de 64, quais eram as atividades que você desenvolvia?*

Guanaes Netto: Eu tenho 76 anos, nasci em [19]33, faz a conta... em [19]64: eu tinha 31 anos. Bom, aos 31 anos, quando houve o golpe, eu estava fazendo uma exposição de desenho no Teatro de Arena. Eu era secretário-executivo do Centro de Estudos [Políticos e] Sociais, na rua Maria Antônia. O presidente era Caio Prado [Jr.], o outro presidente [era] Mário Schenberg, [João Baptista] Villanova Artigas, vice-presidente, Baeta e Olga, secretários e eu, secretário-executivo.

O Centro de Estudos Sociais foi decorrência de uma campanha democrática para eleição de um deputado federal e um deputado estadual – Mário Schenberg como deputado estadual e um doqueiro de Santos, negro, deputado federal – que ganharam a eleição, os dois. Nesse período – aproximadamente em 1962 – havia tinha uma sede da campanha, financiada em parte pelos arquitetos, que tinha uma grande parte organizada por Villanova. Havia toda uma tradição da FAU [Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP] de engajamento dos arquitetos na esquerda. Ele manteve o local, o aluguel, o telefone... A sede estava cheia de obras de arte, que os artistas doaram para a campanha, pois Mário Schenberg fazia crítica de arte, era muito amigo dos artistas. Depois da campanha – eles, aliás, não tomaram posse, obviamente –, aproveitando que já existia uma sede, para dar continuidade ao que estava estruturado, transformamos em Centro de Estudos Sociais. Nós fizemos a primeira conferência no Instituto dos Arquitetos, com sucesso muito grande, com Jacob Gonder, [sobre] Marxismo e humanismo, que era uma preocupação da época.

Deste Centro de Estudos Sociais surgiram várias conferências, cursos, endereçados aos universitários, a todo mundo – mas, em geral, a grande maioria [dos participantes], excetuando-se alguns operários mais conscientes, era da classe média: estudantes, intelectuais. Houve a intenção de “embrionar” – não sei se essa palavra existe – um ministério das ciências. Era um sonho nosso ter um ministério que envolveria a todos e globalizaria todas essas coisas para o desenvolvimento do Brasil, o verdadeiro desenvolvimento do Brasil. Passaram-se os anos, 1963, vai para 64 com essas atividades, e eu trabalhava meio período lá, praticamente. Eu era o mais disponível, artista sempre é o mais disponível [*riços*]... Preconceito, mas, em todo caso, é o que todo mundo pensa...

Aí houve aquele grande período de abertura e uma grande ilusão nossa – sonho, pode ser o que quiser – de que havia uma possibilidade de transformação democrática do Brasil. Quando a gente falava em transformação democrática, pressupunha que não havia, ainda, uma democracia efetiva – caso dos candidatos terem sido eleitos e não tomarem posse. Quer dizer que, temos que levar em conta que, quando falo “a ditadura e o golpe”, quer dizer que, depois do golpe, passou a haver uma ditadura mais evidente. Mas, em todo caso, vejam a nossa posição de comunistas, procurando atuar junto a uma colaboração do governo. E foram acontecendo todas as crises: a demissão de Jânio, todo esse processo do que nós chamaríamos de golpe militar contra a Constituição de 1946. É preciso levar em conta que a lei McCarthy atuou no Brasil de forma violenta, por exemplo, pondo na clandestinidade o Partido [Comunista], pelo qual deputados foram eleitos, depois da Guerra... Isso tudo foi imposição americana. A cultura brasileira passou a ser diferenciada: não interessava Portinari ser o grande artista brasileiro, porque ele era comunista. Aí nós encaixamos Monteiro Lobato, todos os injustiçados da cultura brasileira, em função da lei McCarthy. Porque o pessoal tenta dizer quem são os capatazes da repressão, mas não fala dos donos... que é a lei McCarthy. Independentemente dessas restrições todas, não ser eleito, ser eleito e não tomar posse. No jornal *Notícias de Hoje*, quebravam as rotativas, a polícia fazia provocações nas fábricas, e tudo se agravou com Adhemar de Barros no governo do estado... Então, a democracia era um negócio meio relativo, quer dizer, democracia para os outros, não para os comunistas. Nós, comunistas, tínhamos uma esperança de que houvesse clima para uma transformação social no Brasil e essa euforia chegou, foi crescendo em nós a confiança de que era possível mudar o Brasil. Houve Francisco Julião, houve [Miguel] Arraes; havia um clima no qual a gente pensava que era possível sair daquela ditadura “branda” – porque se está falando hoje que a ditadura “branda” foi depois –, daquela ditadura

“branda” para uma outra. Então, antes do golpe, o Centro de Estudos Sociais programou a presença de três ministros de Jango. Almino Affonso não conseguiu fazer a palestra no Centro do Professorado Paulista, eu estava presente.

Rodrigo Chagas: *Não conseguiu por quê?*

Guanaes Netto: Porque a polícia de Adhemar [de Barros] veio para “proteger” a conferência, mas levou provocadores para poder intervir. E estavam lá Rubens Paiva, Almino Affonso... Rubens Paiva subiu num carro na rua Vergueiro e falou para a polícia: “se vocês entrarem, eu atiro”, aquela coisa bem... acabou, coitado, morreu. Então, Almino Affonso não falou e nós fomos, depois de uma semana, para Abelardo Jurema, ministro da Agricultura⁴, que os estudantes e nós convidamos para falar de reforma agrária na [Faculdade de Direito do Largo do] São Francisco. A polícia de Adhemar bateu nos estudantes na porta, fez uma arruaça na praça e disse ao ministro: “o senhor não pode ir porque o senhor se arrisca a ser ferido”, a própria polícia não o deixou entrar, ficou batendo nos estudantes na porta, e nós lá dentro, esperando o cara. E a outra foi com Paulo de Tarso, ministro da Cultura, no [Instituto] Mackenzie, que também não conseguimos fazer. Então, renunciava-se o golpe. Mas o Centro de Estudos visitou [Luís Carlos] Prestes, alguns dias antes do golpe, e Prestes disse: “eu estive com os generais; isso aí é uma cortina de fumaça que está havendo, mas os generais estão muito conscientes; eu conversei com eles”, almoçou com eles, sei lá.

Esse clima antecedeu o golpe. Objetivamente, aquela ditadura era de classe, o povo era oprimido diretamente, os comunistas eram perseguidos, operário ia para o pau-de-arara... Aliás, esse negócio de pau-de-arara na tortura ficou na moda na ditadura porque era a classe média [a torturada]; mas, enquanto era operário que fazia greve... por exemplo, quando eu militava no Ipiranga, em 1955, prenderam os operários, eu me lembro de uma reunião na base do Partido lá no Ipiranga [em que foi relatado que] um cara participou de uma greve na Arno e foi para o pau-de-arara; depois, quando eu estive na prisão, lia escrito na parede da cela: “eu, João, estive aqui em mil novecentos e não sei quanto, mil novecentos e não sei quanto, várias vezes e todas as vezes fui para o pau-de-arara”. Quem tinha direito à liberdade e quem não tinha, antes da ditadura?

Aline V. Silva: *Ou seja, essa tortura já vinha ocorrendo...*

Guanaes Netto: Ela sempre ocorreu, sempre. Agora, no caso, a justificativa antes do golpe, dessa democracia – entre aspas, porque o Partido era clandestino – é que era comunista, era subversivo e agitador, criminalmente punido. É a “democracia” que eu estou explicando. Mas, mesmo nesse clima, a gente era otimista, achando que havia espaços, e com Jango se abriram muitos espaços, que a gente foi ocupan-

4 Na verdade, Aberlado Jurema era ministro da Justiça.

do, mas legalmente clandestinos.

Rodrigo: *Quando você fala que Jango abriu muito os espaços, você está pensando em quê? Quais espaços?*

Guaaes Netto: Por exemplo, formar o Centro de Estudos Sociais...

Aline: *Vocês não eram tão reprimidos como anteriormente?*

Guaaes Netto: Eu expliquei que havia uma diferença; por exemplo, mesmo reprimidos, fizemos a campanha de Mário Schenberg e [do outro candidato, cujo nome não me lembro].

Rodrigo: *O doqueiro de Santos?*

Guaaes Netto: É, o doqueiro. Foi feita campanha, foram feitos comícios, havia uma tolerância em função de certo clima. Dentro desse estado que era contra os comunistas, contra a “baderna operária”, a “anarquia operária”, nesse conceito de estado, nós podemos dizer que Juscelino Kubitschek foi quem permitiu mais possibilidades de tolerância [em termos] de atividades. Ele tolerava as atividades, e a polícia, munida nos órgãos, no antigo Dops, reprimia.

Rodrigo: *Com JK havia mais espaços que com Jango?*

Guaaes Netto: Do período de Juscelino para frente houve essa flexibilidade. Ele permitiu a existência do Partido Comunista, existência semilegal. E havia já a discussão no Partido de que essa semilegalidade não levava a nada, outros achavam que era uma possibilidade de abertura que havia que aproveitar. Quer dizer que o clima de discussão girava em torno das possíveis mudanças. O grande choque que a gente teve foi que, com o golpe, confirmou-se que não se podia mudar nada.

Rodrigo: *Mas você comentou uma entrada de Prestes relatando que tinha acabado de falar com os generais e de que estava tudo bem...*

Guaaes Netto: Eu não posso afirmar muita coisa, eu posso dizer o que eu ouvi na reunião, porque eu era secretário. Eu não tenho detalhes de qual reunião, de quais generais, de quem foi, quem não foi, se foi, se não foi. Eu simplesmente me lembro de alguns companheiros dizendo: “o clima não está favorável” e ele [Prestes] dizia: “mas isso prova que alguma mudança está sendo feita, porque se está havendo reação...”.

Rodrigo: *Então o grupo continuou trabalhando normalmente?*

Guaaes Netto: O objetivo do Centro de Estudos Sociais era democratizar a cultura no País, entre outros. A gente tinha possibilidades de fazer isso. Mas, por exemplo, com o golpe, a gente queimou todos os arquivos, o Dops levou os quadros que estavam na parede e até hoje não devolveu... Houve uma interrupção nessa parca liberdade que havia [anteriormente]. Eu me lembro de que algum companheiro nosso me disse na época: “Jango me disse, que quando ele passava uma ordem, ela

nunca chegava a ser executada”, ela ia se esvaziando – alguém criticou Jango por não ter poder suficiente de intervenção. Eu mesmo, quando houve o [evento citado envolvendo] Abelardo Jurema, tentei falar por telefone, dizendo: “o ministro de estado não está conseguindo fazer a palestra”, porque a polícia estava “protegendo” o ministro, e eu queria denunciar e não consegui falar com ninguém, estava tudo bloqueado – aliás, eu entrei na sala, Cesarino, professor catedrático, disse: “é uma desonra você entrar aqui na minha sala para telefonar”.

Bom, eu estou te contando o clima. Então, quando houve o golpe, primeiro acabou, fechamos de uma vez; queimamos todos os arquivos, os nomes dos sócios, porque muitos eram apenas simpatizantes, queimamos tudo o que foi possível. E queimamos muitos documentos de congressos do Partido. Então, a gente viveu um momento de clandestinidade. Aí, nesse período, foi muito deprimente ver uma população, orientada pela mídia, levar alianças de ouro e tal aos *Diários Associados*, em casazinho, “para o bem do Brasil”.

Rodrigo: *Que história é essa?*

Guanaes Netto: [Propalava-se que] “Jango deixou o Brasil no caos” e a ditadura disse: “Vamos pôr em ordem. Precisa ajudar o Brasil. Traga o que você puder para ajudar o Brasil”. Havia centros de recolhimento.

Aline: *E eles levavam alianças de casamento?*

Guanaes Netto: É. Eu vi isso, e eu vi pessoalmente, nos *Diários Associados*, na rua 7 de Abril. E aquilo me deprimia profundamente. Eu assisti, junto com Artigas... No clima que antecedeu o golpe, ele falou: “Vamos lá para a Praça da República, porque vai sair uma passeata, por Deus, pela pátria, pela liberdade”, não sei qual era o nome da passeata.

Aline: *Marcha da Família, com Deus, Liberdade.*

Guanaes Netto: É. Nós nos sentamos numa escadaria e passou o cardeal, [Assis] Chateaubriand, Júlio Mesquita, Adhemar de Barros, a caterva toda. Empregadinhas, senhoras com empregadas, um povinho que trabalha para os ricos... aquela “coisa linda”... Artigas me disse: “Tá vendo? Nós estávamos com esperança de mudar, pelo contrário: não só não vai mudar como perdemos 50 anos”. Se ele estivesse vivo hoje, eu diria: “Não, nós perdemos 100 anos, não 50”. Naquela esperança, porque na realidade, se a gente vir, havia repressão aos camponeses, havia repressão aos operários, sindicatos, todo mundo era fichado, ia para o Dops, era humilhado...

Rodrigo: *Você chegou a ir para o Dops? Como é que foi essa experiência?*

Guanaes Netto: Não, eu nunca fui fichado nessa atividade toda.

Rodrigo: *Mas você chegou a ser preso?*

Guanaes Netto: Não, no golpe não. Só em 1969. Aí, nós passamos para

a clandestinidade. Esse período de clandestinidade foi sombrio, porque, primeiro, aquela esperança que o Partido passava desesperançou as pessoas. Então, foram feitas as famosas teses, justificando. Muitos militantes não aceitaram aquelas teses. A derrota se deu em vários níveis. Foi como a queda do bloco soviético, moralmente. Para mim não, porque passei a não ler jornal, não dei mais bola e mandei... [risos] Não vou falar os nomes... Mas, em todo caso, na época do golpe foi um clima parecido com a queda do bloco soviético, moralmente; porque a gente tinha esperanças, todo um processo. Nesse período, que foi de [19]64 a [19]69, eu, por exemplo, dava aula, continuei dando aula...

Rodrigo: *Você lecionava onde nessa época?*

Guaaes Netto: Na Faap. Continuei ativo, dando aula, uma vida aparentemente clandestina. Em [19]68, com o movimento estudantil, houve uma atuação maior. Nesse período já tinha havido uma cisão de Marighella com o Partido, já tinham ocorrido vários fracionamentos, e aí foi criada a ALN [Aliança Libertadora Nacional], o MR-8 [Movimento Revolucionário 8 de Outubro] e todos passaram a uma atividade “mais ativa”, mas mais restrita; por ser mais ativa, era mais restrita. De mais restrita a mais restrita, ficaram dois reunidos num fusca [risos]. A gente mesmo dizia: “Reuniu-se o Comitê Central do MR-8 num fusca” [risos]. E nesse ínterim, daí até 68, 69, houve reuniões; eu participei de uma reunião lá em Ibiúna, antes do congresso [dos estudantes], onde estavam Marighella, Gorender, Câmara Ferreira, estava uma porção de gente... E aí decidiram rachar.

Eu fui contra. Eu era um militante meio gozado, porque, estruturalmente, todo mundo me conhecia e eu apoiava todo mundo, e continuou [sendo assim]; eles lá tinham as reuniões, discutiam e eu ficava paralelo. Se um cara do Partido dissesse: “Precisa ter uma reunião dos companheiros. Você cede o ateliê?”, eu [respondia]: “Ué, por que não?”.

Aline: *Como vocês receberam o AI-5?*

Guaaes Netto: Aí, entram vários fatores. A incompreensão... A prática de realidade política diferenciada favorece a divisão e o enfraquecimento da esquerda. Por exemplo, quem pode provar que, nos movimentos de 68, estava infiltrado um pessoal para empurrar para frente, para justificar o Ato 5? E quem prova o contrário? O pessoal que estava querendo a abertura estava colaborando com o pessoal da ditadura. Então, às vezes, você avançar demais ou diminuir... Os acontecimentos, eles não dependem de um plano; são muitos fatores que entram.

É uma reflexão que a gente tem que fazer hoje e, lógico, e às vezes por necessidade... O jovem tem uma necessidade grande de marcar posição, o que é valoroso, interessante, ideal, é uma coisa que tem de estimular no jovem, o desprendimento pessoal em função de uma causa maior, que é bem dos neurônios do jovem.

Rodrigo: *Então você defende aquela posição de Lula de que, enquanto jovem, se pode ser de esquerda, mas, depois de velho, aí tem algum problema se continuar de esquerda?* [risos]

Guaaes Netto: Não, aliás, eu assumo os meus problemas. [risos] [...]

O Ato n. 5 coroou o fechamento das poucas liberdades que a gente tinha. Aí [ocorreu o] raptado do embaixador americano, todo aquele negócio. Então, a repressão assumiu um caráter... Depois se provou no Chile, no Uruguai, no Paraguai, em vários países da América Latina, que aquele tipo de repressão era organizado de maneira internacional. A ditadura brasileira era um ramo de uma concepção social e política generalizada, que assumiu particularidades em função do grau de produção de cada país.

Essa ditadura brasileira foi igual às outras, só que, [ali] onde a resistência foi maior, como no caso do Uruguai – tinha um milhão de uruguaios fora do país –, foi mais violenta, porque houve resistência. Nós éramos meia dúzia de gatos-pingados, os heróis do exército de Brancalione [risos]. No caso da Argentina, do Uruguai e do Chile, a repressão foi muito mais violenta, porque o número de organizações era maior, mais poderoso, havia mais capacidade de resistência e foi [todo mundo] dizimado.

No dia-a-dia, depois do Ato n. 5, o que dominou o Brasil durante o período da ditadura foi um fenômeno, cultivado e incentivado pela mídia, que era o problema do medo. Já antes do Ato n. 5 a gente fazia jornal clandestino, com muito sacrifício, no mimeógrafo, em Osasco. Era feito com todo o cuidado, com toda a segurança. Esse jornal chegava aos militantes operários, mas eles tinham medo de distribuir. Então, não servia para nada. O complexo que a ditadura criou, de marginalidade da resistência... O próprio Celso Furtado disse para mim, eu estava discutindo com ele [...]. Ele disse: “É difícil você aceitar... Eu sou um cara que trabalhei seriamente”...

Rodrigo: *Quando?*

Guaaes Netto: Em Paris.

Rodrigo: *Já no exílio, em Paris?*

Guaaes Netto: É. “Trabalhei seriamente...”. Eu falei: “Mas você poderia ter um papel mais importante lá no Brasil”. Ele disse: “Mas é muito difícil. Eu, por exemplo, estava subindo a rua Augusta e um amigo meu, muito amigo, ele não era muito político, quando me viu, ficou assustado e virou para o outro lado da rua. Isso é muito humilhante para a gente, se ver nessa situação”.

Rodrigo: *Você ainda não falou das suas prisões e da sua saída do País. Como se deram?*

Guaaes Netto: O negócio foi o seguinte: raptaram o embaixador. Em 68, com o movimento estudantil, houve uma participação maior – e isso não se deu só

comigo, deu-se com uma porção de arquitetos – no movimento armado. No meu caso, por exemplo, houve tentativas, primeiro, já em 68, de tomar uma iniciativa por uma nova Constituinte. Nessa nova Constituinte, reuniram-se general Zerbini, Rocha Barros, que era advogado, que estava encarregado de fazer o estatuto, Helena Silveira, eu, acho que Zé Dirceu também participava de vez em quando – ele era estudante na época. Isso se deu nesse momento de 68, antes do Ato n. 5. Evidentemente, eu dava aula na Faap e a minha implicação com o movimento estudantil foi maior; necessariamente, passei a colaborar de forma ativa com o pessoal. E, se me procurassem também pessoas do Partido, qualquer um... Vamos supor, alguém que dizia: “A gente pode ficar aqui no seu ateliê?”, eu [respondia]: “Uai, pode”. E eu conheci todo mundo: Câmara Ferreira, conhecia todo o pessoal que era da ALN, que era disso e daquilo, por causa do antigo Partido – eu comecei a militar em [19]53. Então, ninguém desconfiava de mim, de nada, qualquer que seja o grupo. Essa ideia do artista funciona, porque parece que dá certo poder de neutralidade – que eu tenho usado e tem funcionado muito bem. Há um poder de sedução. Eu não sei se é por isso também que eu não fui torturado nem nada. Açam: “Ah! Esse cara é um artista! Vai ver que foi iludido pelos [militantes]”.

Na primeira vez me prenderam [com uso até] de metralhadora na Faap, na sala de aula. E fui para a rua Tutóia. O ateliê que eu tinha, que era com o Jô Soares, o Aguilar, e o Parise, que era do CCC ficava na rua Frei Caneca, em frente à delegacia – lugar seguro [risos]. Lá nós fizemos uma revista do Partido; uma secretária, que era do Partido, ia bater à máquina no estêncil. Era o lugar mais seguro e Boanerges [Massa], que era um médico que participou do seqüestro, ficou uns tempos lá.

A dona do local gostava de artistas – não sei se devo dizer, coitada –, ela queria ser cabeleireira e maquiava os caras; gostou da novidade. Ela não tinha a menor noção. Até que [o esconderijo] caiu. Então, eu falei para ela: “Se chegarem aqui, você diz que eu estou dando aula, lá na Fundação”. Ela disse: “Vieram uns caras aí te procurar, querendo saber...”. Eu falei: “A senhora não tem nada a ver com isso. Fala que fui eu que indiquei”. Eles foram lá, de metralhadora, levaram-me para a Oban, na rua Tutóia. Nesse ínterim, já tinha havido uma festa e eu tinha alugado uma casa na alameda Santos, entre a[s ruas] Brigadeiro e Augusta. Houve uma reunião de dois cientistas da Faculdade de Medicina da USP que iam para os Estados Unidos. Fizeram uma festa e, no meio da festa, chegaram dois caras da ALN e disseram: “Como é que a gente faz? Não temos onde ficar...”. Como todo mundo olhou para eles – na festa não tinha ninguém implicado e os dois estavam fugindo de uma ação frustrada que fizeram –, [eu disse:] “Ah! Vocês vieram para a gente comprar flores para dar para eles? Então, vamos sair um pouco”. Fomos até a Paulista comprar flores e eles

me contaram. Eu falei: “Fiquem lá. Venham como se fossem à festa; levem flores para eles e eles não vão saber quem é”. E, no outro dia, quando eu fui preso, os dois estavam lá, no chão: “Dormimos na casa dele”. Eu olhei bem para os caras – todos de cara inchada, arrebetados –, olhei bem e [respondi]: “Ah, acho que eles dormiram, porque tinha umas 30 pessoas, todo mundo da medicina, como é que eu vou saber?”. A sorte é que tinha ido um tira informante à festa. Eles apanharam mais – a mim me puseram na “cadeira do dragão”.

Eu fiquei numa cela com 12 [outros presos]. Dali, nós fomos para o Dops; eu fui algemado com Takao [Amano] – que, segundo a polícia, era o mais perigoso. Diziam: “Algemamos o idiota com o perigoso, assim o perigoso tem que arrastar o idiota se fugir”.

Nós fomos para o Dops; chegamos lá, na sala de Fleury. Ele olhou – a sala dele tinha o escudo de Le Coq, que eu pus no quadro que está lá na Escola Livre [de Ciências Sociais, em Santo André], eu pus por causa disso, estava na parede. Estava cheio de livros – León Tolstoi, Émile Zola – na sala dele: “Tudo livro subversivo; catamos tudo isso”. Depois virou para Takao e disse: “Você é um idiota, Takao. Você é um jovem, veja bem. Marighella está usando camisa de cambraia, está aí com a mulherada, numa boa, e você está aqui; vai apanhar muito, feito um idiota, trabalhando para esse cara”. Aquele papo de delegado. E eu lá, algemado em Takao, e ele nem olhava para mim.



Pintura de Gontran que compõe a instalação coletiva “Sala Escura da Tortura” realizada pela primeira vez em Paris (1972) pelo Grupo Denúncia. As imagens foram produzidas a partir de uma encenação com um grupo amador de teatro francês sob orientação de Frei Tito que indicou como eram as práticas de torturas as quais ele havia sido submetido pelos militares no Brasil. Cada autor pintou duas imagens das fotografias que resultaram da encenação.

Bom, fiquei lá um mês, acho. Eu, como tenho o espírito de viabilizar, lembrome, comecei a ler *Ulisses*, de James Joyce; aí tiraram o meu livro, os sacanas [risos]. Havia uns livros que eles deixavam lá porque ninguém lia... E eu comecei a ler e aí todo mundo queria ler também. Então, eu falei: “Vamos inventar um jogo de xadrez”. Eles pegavam o papel de cigarro e faziam os quadradinhos, bem quadradinhos, e com o filtro desenhavam as pecinhas para jogar. E eu comecei a fazer também um curso de história da arte para o pessoal. Havia 12 dentro da cela.

Rodrigo: *Todos presos políticos?*

Guaães Netto: Não. De vez em quando, eles punham um doido lá, com sífilis, doença venérea...

[A certa altura] o carcereiro falou: “Vamos cortar o cabelo desse artista, para ver se ele fica mais bonito?” Eu tinha barba, cabelo... não me lembro mais. Mas me lembro que eles tosquiaram, fizeram de qualquer jeito, deixando “ninho de gato”. O [carcereiro ainda dizia]: “Pô! Você nunca foi fichado! Você tem uma cara horrível de bandido e nunca foi fichado” – uma linguagem muito especial de prisão, para deixar você bem “para baixo”. Um dia, tinha uma menina, que foi torturada, lá; aí um dos investigadores [disse]: “Ô, artista, a menina soube que você é artista e pediu um desenho. Você faz um desenho para ela?” [Eu respondi]: “Poxa, fazer um desenho... ah, não sei”. [Ele disse:] “Faz um para a minha noiva também?” [Eu aceitei:] “Faço, faço dois desenhos” – e desenhei.

Tinha outro menino lá, que morreu depois, assassinado, porque foi para Paris e voltou com mais três, e um desses era da polícia; mataram os outros três. A gente não sabia, porque eles fizeram tanto segredo para voltar que, para nós, que éramos de confiança, eles não contaram, e tinha um deles que era da polícia. Ironias...

A gente via reflexões muito interessantes. Tinha um lá que comia bastante, aí eu falei para o pessoal: “Vamos tirar duas colheres do prato de cada um para botar aqui...”. Ele ficou tão humilhado que não quis... Passou até a comer menos. [...]

Essa foi a primeira vez [em que me prenderam]. Aí, eles me soltaram. Eu fui para a alameda Santos. Lá tinha um quarto que seria a sala de operações e a enfermaria, no caso de alguém ser ferido, seria uma sala de emergência. [Alguns companheiros] tinham feito uma ação numa empresa e tinham levado microscópio, bisturi, e tudo isso estava lá na sala. E eu fiquei lá. Continuei dando minhas aulas na Fundação. Mas já não dormia direito, ficava preocupado. Às vezes, via alguém passar com um cachorro, um policial na rua, e pensava: “Vai ver eles estão me pondo aqui como isca, para ver quem me procura”. Sabe, você fica imaginando tudo.

Um dia, eu saí da Fundação ao meio-dia, subi até o Consulado Francês – era na avenida Paulista, no Conjunto Nacional – para pegar um filme para a minha aula da tarde, pois eu lecionava história da arte. Venho vindo com o filme e, quando faltava um quarteirão, vi o carro preto da polícia em frente à minha casa. Pensei: “Eles devem ter esquema aqui e se eu correr eles me pegam. Eles devem estar me esperando, mas não me esperando lá na casa...”. Aí eu fui tranquilo; andei, cheguei para o [policia] e disse: “Pô! Outra vez?! Vocês não me deixam em paz!”. “É o Dr. Fleury que quer falar com o senhor”, falou, todo importante. Falei: “Então, entra, que eu vou primeiro tirar essa fivela de prata... Posso pôr em cima da mesa? Entra”. [Ele falou:] “Não, nós não vamos entrar”. Eu tirei tranquilamente as coisas. Pensei: “melhor convidar, porque se eles desconfiarem que eu não quero que entrem, vão querer saber o que é que há dentro da casa”. Insisti, deixei a porta aberta, fui jogando tudo em cima da mesa: “Dinheiro não vou deixar, porque dinheiro não tem dono...”. Aí, me levaram. Foi a primeira vez em que eu viajei debaixo da [praça] Roosevelt, aquele túnel acabava de ser inaugurado. Cheguei lá, subi... Eu tinha tido um ateliê anterior com Fábio Magalhães, na alameda Itu. Fleury falou: “Então, seu pintor de merda, olha aí”. Estavam lá Guyer [Salles] – um pintor, filho de Dagoberto Salles, que era deputado federal, classe burguesa –, a mulher dele – que era bailarina – e os alunos de gravura dele. Havia cedido o ateliê, que era em um porão, para uma reunião, na qual foram Marighella e Lamarca. A casa era de uma austríaca judia e eles fizeram a reunião lá. [Fleury disse:] “Seu pintor de merda, a reunião foi lá na tua casa?” E tinham levado Paulo de Tarso Vasconcellos lá para identificar o lugar, mas eles estavam certos de que era despistagem. Eles queriam descobrir a verdadeira casa, porque, imagina: os investigadores chegaram à casa e a velha surda [simplesmente falou]: “Quem está aí? Artista? Entra aí e fecha o portão!”, gritando, “Esses artistas... É uma bagunça aqui na minha casa!” Ela tinha passado a repressão nazista e sentiu que algo estava errado; então, ela fez uma comédia, chamou os [policiais], xingou os caras... Aí um virou para o outro e disse: “Você acha que o grupo vinha aqui, nessa casa?” Voltaram para lá e me acarearam com Paulo de Tarso – ele estava inchado. Eu entrei e nem olhei para a cara dele. Sentei do lado dele como se fossem dois para ser interrogados. Fleury, primeiro, disse que ia bater em todo mundo: Guyer, a mulher dele – esta, coitada, tremia as pernas, batia uma perna na outra de medo. E os meninos, todos burgueses, viraram heróis, porque eram todos da classe alta e [depois] diziam: “Ah! Fomos presos no Dops!” Mas [Fleury] não bateu coisa nenhuma, ele queria me ameaçar. Aí veio Paulo de Tarso e não aconteceu nada. E eu fiquei olhando para a cara do Fleury, tranquilo. Uma hora ele falou: “João, toma conta desse cara aí, porque eu não quero ver mais essa cara nunca mais!” e saiu da sala.

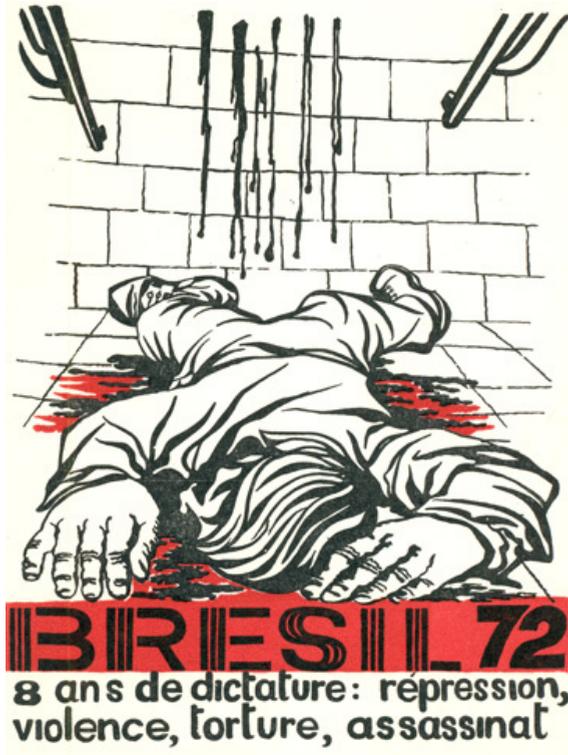
E o cara pegou a metralhadora e: “Prrrá” [simulando barulho de metralhadora], na minha cara. Aí ele sentou: “Agora conta tudo”. Eu falei: “Eu vou repetir tudo o que eu contei lá na Oban”. [O policial continuou:] “Não, militar não entende repressão”. “Ah, eu percebi”, falei para ele, “eu contei... teve coisa que ele nem anotou, você não quer anotar?”. Enchi o saco dele; fiquei falando que eu tinha conhecido Boanerges numa exposição do príncipe de Orléans que houve na Fundação, e que o cara era legal, que tinha óculos escuros; que era fotógrafo e queria fotografar meus quadros e eu pensei que era uma boa, porque eu estava sem dinheiro... Enchi o saco do [policial], contando que eu conheci o cara. [O interrogador perguntou:] “Mas ele foi no seu ateliê?” [Eu:] “Foi, ué. Ele queria fotografar... Ele não levou máquina, eu estranhei; mas ele foi lá para conhecer”... Aí me levaram para baixo; eu pensei: “Agora vem pau!”. Todos que estavam na cela apanhavam... Depois de uma semana que eu estava lá, naquele estado, chamaram-me. Eram umas quatro horas da tarde... não me lembro mais. Lembro-me de que não tinha sol, estava [nublado]. Levaram-me direto para a sala de Fleury. Cheguei lá [e ele] disse: “Cara, matamos Marighella. Você é um merda! Suma da minha frente, eu não quero te ver nunca mais!”

Saí do Dops sem acreditar, o investigador me levou até a porta. Eu saí de fininho, fui até a Sorocabana, peguei um táxi e fui até em casa. Depois, [pensei] “e agora?”. Bom, eu fazia parte de um grupo de análise em que havia um médico ortopedista da Santa Casa, uma senhora metida a crítica de arte, meio doida, o dono da Cândida...

Rodrigo: *A marca “Cândida”?*

Guaaes Netto: Isso, a fábrica... E um turco, que tinha uma loja de tecidos na [rua] Augusta, que se chamava Job. Era um grupo que se encontrava uma vez por semana, cada um discutia os seus problemas. Eu estava com esse clima de tensão grande e falei: “vou lá”. Aí souberam que eu fui preso e o cara da Cândida disse: “você é um artista. Vá embora que eu te pago a passagem, vá embora”. E Job falou: “a minha mulher é amiga do comandante do II Exército e de vez em quando vai lá em casa um capitão do Exército. Vamos fazer o seguinte: eu o convido para jantar, que ele gosta de ir lá em casa, e você me telefona às nove horas, quando já deve ter acabado o jantar. Eu vou [simular uma conversa]: ‘Como? Mas você é artista’, falando na frente do capitão... ‘Passa aqui para tomar um café; ah, tem um amigo aqui que deve saber do seu caso...’”. Eu cheguei lá, com aquela cara, cheguei meio desarvorado... “Pô, mas você está assim com essa cara, o que foi?” Eu falei “me prenderam...”. Aí o capitão olhou para mim e falou: “você foi preso onde?” E eu disse: “Na Oban...”. E o capitão: “Ah, você foi para a Oban. Bom, então, você é culpado. Eles não são idiotas, não, eu conheço bem o pessoal; é tudo gente boa. Vai ver

que você é que nem Ademir, comunista... Artista é tudo comunista, NE?”. Eu disse: “É, eu sou artista”. Aí tomei um cafezinho e disse: “eu estou cansado, não dormi esses tempos” Então Job disse “você se recupera, você não tem nada mesmo, você se recupera... vai pra casa”.



Cartaz de denúncia das práticas da ditadura brasileira.
“BRASIL 72 - 8 anos de ditadura: repressão, violência, tortura, assassinato”
Gontran Guanaes Netto, 1972.

Pensei: “agora está na hora de eu ir embora; se o cara falou isso, era o que eu queria saber. O [industrial] vai me dar a passagem, acho que eu vou para o Canadá”. Tinha uma professora que eu conhecia, Ana Maria Verebe, que era diretora da Escola de Aplicação da USP, da pedagogia, e ela estava indo para a França. Fui visitá-la e ela ficou apavorada comigo lá. [Ela disse]: “vamos viajar hoje à noite! Você está louco! Vai embora, dá um jeito e vai para Paris, a gente se encontra lá... Tchau, vai

embora, tchau...”.

O [industrial] me deu um pacotão de dinheiro enrolado em jornal, [preso] com barbante. Comprei a passagem e, por sorte, Helena, minha primeira esposa, era bailarina e tinha ido com um grupo para um festival na Colômbia. Para ela ter o passaporte, na época, precisava da minha declaração do Imposto de Renda; então, eu falei: “aproveita e faz o meu passaporte, quem sabe [se vou precisar]?”. Não tinha nem pensado [que poderia vir a ser útil]...

Fui ao despachante, pensando: “eu tô frito! Como é que vou fazer para viajar? Vou tentar”. Não estava imaginando que podia ir embora logo... Chegando lá ele falou: “Ué! você não estava com o grupo de teatro?” [E eu respondi] “Não, eu sou cenarista”. [O despachante retrucou:] “mas eu assinei um passaporte de um cenarista”. [Eu continuei:] “mas eu sou adjunto, por isso eu não fui antes, agora eles estão precisando de mim e telefonaram... eu preciso ir”. Ele me deu o passaporte já com tudo carimbado... Aí o industrial, todo burguês, pegou o Landau dele, branco, daqueles americanos de 20 metros... E me deu um capote preto, que me serviu muito, e uma mala preta de couro, que eu joguei fora só outro dia, porque ela tem ferro e dá problema no aeroporto agora... Fiquei com ela até uns seis meses atrás. Chegamos a Viracopos – porque o avião da Air France saía de Viracopos – e tinha aquela fila de passageiros. E ele falando bem alto, como se eu trabalhasse para ele: “Ó, vou te deixar, que estou com pressa, pega a fila ali...” e foi embora. Como ele falou muito alto, um cara olhou pra mim e disse: “Ô, Gontran, para onde você vai?” [risos] Era Zanini, Walter Zanini, professor de história da USP. Putz! [risos] Mas ele me ajudou, porque descontraí, ele estava indo para um congresso em Londres [e me disse]: “eu não sabia que você ia...”. [Eu esclareci:] “não, eu não vou para o seu congresso, não...”. [E ele ficou me perguntando:] “mas para onde você vai?” [risos] Depois, no avião, eu disse: “rapaz! Você quase me dedou”... Ele ficou branco. Calcule [o apuro que] eu passei...

Essa foi a história, que assim fica muito pessoal. O importante é fazer um apanhado do que é fundamental, que é a ideologia do medo, que é um negócio corrosivo. Havia chantagem das famílias. A minha irmã queimou um quadro que eu tinha feito na prisão. Fiquei sem nenhum documento, porque queimaram, ficaram com medo. Carteira de trabalho, tudo...

Ah! Esqueci de contar... Quando eu fui preso e decidi comprar a passagem, era para o dia seguinte à tardinha, porque o avião viajava à noite; e eu ia com o [dono da Cândida]. Eu passei a noite toda abrindo um buraco no jardim para enterrar o material que estava lá [na casa]... Cheguei em Paris com a mão sangrando. Enterrei

todo o material: bisturi, tudo que tinha...

Rodrigo: *O material daquele quarto que você falou que era preparado para receber possíveis feridos?*

Guaaes Netto: Sim! Imagina? Paulo de Tarso, que foi o responsável pela ação, achava que a companhia onde eles fizeram o trabalho nunca fez a denúncia, porque tinha problema com [o pagamento de] impostos... Devia ser material importado [ilegalmente]... Ele não tem certeza, mas acha que, se não foi questionado comigo, é porque nunca ficaram sabendo.

Aline: *E em Paris, como foi? Tinha alguém do Partido te esperando, tinha alguma organização?*

Guaaes Netto: Cheguei em Orly, não falava francês, nada, nada... Tinha um ônibus em que estava escrito “Paris” na estação da Air France; todos os passageiros pegaram, eu peguei também... Cheguei na estação e fiquei lá, indeciso: “Tenho de pegar um táxi, tenho de fazer qualquer coisa...” Na minha mala havia um selo escrito em português. Eu estava ali, indeciso, sem saber o que fazer, quando parou um taxista e disse [com sotaque português]: “oi, tu és brasileiro? Para onde tu vais?” [risos] “Vou para a rua Dauphine”... Fui para casa de Pisa, que depois foi membro do Espaço Latino-Americano, que é filho de banqueiro, burguês...

Rodrigo: *Você já o conhecia de onde?*

Guaaes Netto: Aqui de São Paulo, mas [só o conhecia] mais ou menos, não tinha um contato [muito próximo]... Ele ficou assustado, me deu dez francos para ficar num hotelzinho... Eu tinha o endereço, que um físico daqui tinha me dado, de uns cientistas que trabalhavam no acelerador linear de Orsay e que tinham estado no Brasil. E Pisa disse: “o que é que você vai fazer, rapaz? Você está doido, como é que você vai viver aqui..?” Ele tinha uma visão negativa. Não me propôs nada, [risos] [ficou] assustado, sabe? Era incômodo, [de novo] o problema do medo... Me pôs num hotelzinho, pagou, aí me telefonou e disse: “ó, o Francês [o físico] disse que você vai para a casa dele. Às seis horas ele sai do trabalho e te pega; eu já dei o endereço do hotel, você desce e espera, que ele te pega...”. Eu fiquei esperando e chegaram três franceses, uma comitiva de franceses, para me receber oficialmente. Levaram-me ao melhor restaurante... Fiquei amigo do cara, fui para a casa dele. Fiquei preocupado como eu ia fazer, me comunicava mal, porque não sabia francês, mas ele sabia alguma coisa em espanhol [e assim a gente se comunicava].

Eles me arrumaram uma casa no centro de Orsay, que era de um antigo resistente. Fui morar em frente à estação. Cada um fez uma vaquinha e me deram dois meses de *ticket* refeição da faculdade, e eu fiquei dois meses indo lá, comendo na faculdade. No fim de semana, quando tinha uma festa, eles iam me buscar para ir, quer

dizer, [davam uma atenção] fantástica... Me apresentaram a uma porção de gente. Compraram uma caixa de tinta para mim... Um [tratamento] fantástico... A França são dois países, quer dizer, agora não sei como está, mas, como Cesar dizia: “*Gallia est divisa in partes tres*”. Fazendo referência a Ovídio, dizia que a França é dividida em três partes: a reacionária, realista, fascista, colonialista, e a França, anarquista, jacobina, revolucionária e marxista... Aí tem toda uma história...

Rodrigo: *E como foi a história do Espaço Latino-Americano?*



Espaço Latino Americano. No alto: Tomasele, Le Parc, Noé, Pisa e Krasno;
embaixo: casal Matta, Novoa e Netto. Paris, 1981.
Fonte: acervo pessoal de Guanaes Netto. Gentilmente cedido

Guanaes Netto: Eu cheguei a Paris nesse contexto e já estava acontecendo uma exposição na Cidade Universitária, que se chamava “América Latina Não Oficial”. Miguel Arraes veio da Argélia para fazer um pronunciamento... Já estavam lá bolivianos, uruguaios, e eu me entrosei com os latino-americanos. Conheci Le Parc nessa exposição.

Fiquei lá uns tempos em Orsay, nessa casa. Houve até teve festa de primeiro do ano na casa onde eu estava morando, em que estavam Celso Furtado, Niemeyer, Hildebrando... O pessoal começou a pular o primeiro do ano lá, como no Carnaval, e eu disse: “Ih! Essa casa vai desmoronar!”. E Niemeyer dizia: “Ela é feia, francesa,

mas não cai, pode pular!” [risos] Nós nos reuníamos lá, mas era esporádico; a minha atividade maior foi latino-americana.

Sérgio Camargo, que na realidade era mais aberto que Pisa, tinha influência na Cité des Arts e ele me apresentou lá. Em geral, eram as embaixadas que indicavam [os artistas para a Cité des Arts], porque é internacional – um tipo de *flat* para artistas de vários países, atrás da Notre-Dame, pertinho do Louvre, dava para ir a pé. Eles me aceitaram... Fiz o “Neocolonialismo” [série de quadros] e fiquei conhecido. Porque, [a partir de 19]68, havia o salão da jovem pintura, que tinha uma tradição de esquerda. Reunia de tudo: anarquistas, maoístas, comunistas, socialistas [um pouco] menos, mas todos pintores fazendo pintura engajada. E, com minha apresentação neocolonialista, eu passei a fazer parte. Eu fiz uma exposição daqueles quadros, do “Neocolonialismo” e mais alguns, na primeira exposição da galeria de Ceris Franco – uma gaúcha que vivia na França o tempo todo, fazia parte do Grupo CoBrA, um grupo surrealista. Foi minha primeira exposição individual na França. Ela fez [exposições] de todos os pintores latino-americanos, e depois a minha. Nesta galeria iam pintores modernos, não tinha nenhum pintor engajado; lá estava [José] Gamarra, estava todo mundo. E eles me convidaram para um restaurante, me fizeram uma homenagem e eu passei a ter uma posição. Krasno, pintor surrealista argentino, muito simpático e que conhecia todo mundo, teve uma ideia e dizia: “se eu reunir, aqui em Paris, 12 artistas de qualidade, a gente poderia abrir uma cooperativa de artistas latino-americanos e, como temos qualidade, nos impomos”. Então, eles se reuniram e, [como] um não pôde [participar], me propuseram – quer dizer, eu fui como o décimo terceiro. Participei de várias reuniões e comecei com meu papo, faço política [risos]: “Olha, vocês estão fazendo a maior besteira do mundo; porque se vocês vão fazer uma cooperativa de elite, todo o resto vai estar contra nós. O melhor é a gente fazer um Espaço Latino-Americano, não lucrativo, para promoção da cultura latino-americana, e a gente vai se promover promovendo outros artistas”. Discutiram e aceitaram a ideia. Sempre que eu proponho uma ideia, ela é aceita [risos], como no caso do *Apartheid*...

Rodrigo: *O caso do Museu contra o Apartheid?*

Guanaes Netto: Não só o Museu do *Apartheid*. Toda ideia que eu proponho dá certo; porque eu penso muito como é que tem de ser... Com o movimento internacional do Uruguai – que ficou internacional – foi a mesma coisa; a menina veio de Gênova para pedir um quadro para mim, eu disse: “Não. Você vai sair daqui com uma exposição montada para Paris e para a Europa inteira. Você vai chegar para os italianos e vai dizer: ‘essa exposição é parcial, ela começa aqui em Gênova e vai percorrer [outros lugares]...’”. Os italianos acharam a ideia ótima... [...] Foi eficaz.

Fizeram a exposição e, como havia muito militante sem trabalho, até operário se especializou em obra de arte; fizeram uma revista na Suécia que se chamou *Del Sur*. Nessa revista fizeram uma meia capa com o meu trabalho, dizendo, imagina, que eu era o continuador de Portinari.

Em [19]73 seria lançada a Casa das Américas, em Santiago do Chile; nós fomos direto para Cuba, eu fui convidado para o lançamento. Houve o golpe [contra Allende] e azarou tudo. A gente abria o Encontro de Artistas Latino-Americanos para lançar a Casa das Américas no Chile; mas houve o golpe.

Rodrigo: *Voltando um pouco, eu tinha a impressão de que havia uma ligação maior entre o Espaço Latino-Americano e o Grupo Denúncia. Como foi isso?*

Guanaes Netto: Não. O Grupo Denúncia foi antes do Espaço Latino-Americano...

Rodrigo: *Mas com o mesmo pessoal que formou o Espaço?*

Guanaes Netto: Não, a ideia do Espaço é de Krasno, que era um surrealista trotskista. Na Argentina...

Rodrigo: *Todo mundo é trotskista... [risos].*

Guanaes Netto: É, ou é peronista ou é trotskista. Então, depois da “América Latina Não Oficial”, eu já estava na Cité des Arts, já tinha contato com Gamarra, com Le Parc e com [Alejandro] Marcos, através dos latino-americanos, com quem eu tive mais convívio do que com os brasileiros... De artista brasileiro tinha Pisa, Craisberg, que ia pouco a Paris, Flávio Shiró Tanaka, que era casado com uma francesa que dizia que não podia assinar nada, porque ele tinha passaporte falso brasileiro, porque ele nasceu no Japão, era papo dele... Cícero Dias, que trabalhava na embaixada, e Sérgio Ferro, que estava exilado também, em Grenoble. O pessoal brincava: “só tem você de brasileiro; não podemos nem escolher; mas você é chato” [risos]. Como houve repressão na Argentina, no Uruguai, nós resolvemos fazer esse Grupo, mas foi anterior ao Espaço. Houve participações em outros salões, festas populares e foi criada, o que é importante, a Brigada Internacional de Pintores Antifascista, em Veneza, na qual, de latino-americanos, estavam Gamarra [José] Balmes. Eu não fui, porque tenho uma formação cristã e, se não fizer tudo isso, eu não vou para o céu [risos]; eu não posso pecar. Ele e a mulher que são pintores. Bem, [éramos] Gamarra, Le Parc e eu de latino-americanos. Depois havia os italianos, [Henri] Cueco e [Ernest] Pignon eram franceses... Essa era a Brigada.

Fui participando de várias coisas, trabalhei numa casa de jovens, Casa de Cultura de André Malraux, que era controlada pelos comunistas. Eu fui convidado porque eles viram o “Neocolonialismo” e tinham um animador cultural português. Ele conseguiu me introduzir com carta de trabalho, com o seguinte argumento: eu falava português e era para atender aos imigrantes de origem portuguesa na Casa de Cultu-

ra. Isso me deu o direito à continuidade da aposentadoria francesa, porque eu tenho três aposentadorias francesas: uma como artista, porque, se eu não tivesse legalizada minha condição de artista, eu não poderia levar meus quadros para a Itália; a segunda é de professor, funcionário do estado; e outra aposentadoria geral, porque eu trabalhei nessa Casa de Cultura. Professor era complemento e artista era condição.

Aline: *Você entrou na Faculdade de Arquitetura de Nantes em que ano?*

Guaães Netto: Eu fiquei oito anos, de [19]76 a 84, legalmente...

Rodrigo: *Foi nesse período que houve a questão do Museu da Nicarágua?*

Ocorreu da seguinte maneira: um intelectual americano foi entrevistado por um jornalista francês, num congresso de intelectuais... Eu mesmo tinha abordado que o encontro de intelectuais latino-americanos podia fazer um chamamento aos escritores americanos – que tinham uma associação, [alguns membros eram] de esquerda – para o problema da América Latina, porque havia os porto-riquenhos, havia o que eles chamam de “chicanos”. Parece que enviaram um telegrama e houve alguma repercussão. Proposta minha, [meio] solta, e que me causou um problema. Saiu um livro especial do encontro de intelectuais; lá estavam Fernando Morais, Ruth Escobar, Frei Betto, Mário Schenberg, Antonio Henrique Amaral e mais 30 petistas. Muito bem! Fazem um livro especial do congresso com as teses, escrito “Brasil”, e aparece minha fotografia... Deu uma rejeição enorme na delegação, [que alegava:] “esse cara é um oportunista, está lá em Paris na maior boa vida...” Aliás, sempre deu problema; porque Mário Schenberg queria, como membro do Comitê Central do Partido, ser recebido por um membro do Comitê Central do PC cubano. Os petistas diziam: “Manda esse cara de volta para o Brasil! Que fresco! Está criando problema!” Aquele petismo esquerdista... Mário Schenberg queria criar um fato político; era uma intenção política; não era [vaidade] pessoal. Eu estava no hotel, chegou um cara lá, de Paris, e disse: “Tem um companheiro aí, do Comitê Central, que quer conversar com você”. E disse: “Está tendo um problema lá no aeroporto; tem um tal de Mário Schenberg...” [E eu retruquei:] “Ah! Mário Schenberg! Famoso cientista! É comunista desde 1900, é superconhecido; é resistente, foi preso várias vezes; tem teses em física, é crítico de arte e tal...”. E o cara disse: “Os brasileiros disseram que tinha de mandar ele de volta”. Eu disse: “Não! Você está louco! Isso vai dar o maior problema! E, se ele está exigindo isso, é porque ele quer que vocês reconheçam...”. Porque os cubanos, depois do Marighella, tinham certa reticência com relação aos revisionistas. Era uma época de revolução: Che Guevara e tudo o mais. Não só o cara foi como deram uma Secretaria para ele; quer dizer, eles me consultaram, a mim! [risos] Houve também uma reunião com Fidel, estava lá todo mundo, numa boa, aí chegou outro cara – porque eu não conhecia ninguém, mas

todo mundo me conhecia. Disse assim: “Companheiro, quem é Frei Betto?”; eu falei: “aquele baixinho ali [...], aquele baixinho católico” [risos]. Não, não falei assim, mas o jeito de falar era para dizer assim. [E o cubano:] “Fidel quer conhecê-lo”. [Eu incentivei:] “Vai lá, pega o cara, leva”. Essa história você [vai contar e] o pessoal [vai dizer] que eu inventei [risos]. Como no caso de Mitterrand. Eu tenho uma fotografia: Mitterrand visitou a exposição latino-americana, onde havia 300 artistas, 900 obras, mais ou menos 900 obras; eu tinha uma sala especial, todos [os meus quadros representavam trabalhadores] bóias-frias; Mitterrand passou cinco minutos na minha sala, comprou um quadro. Para quê o Ministério da Cultura vai comprar [quadro de] bóia-fria? Quiseram agradecer Mitterrand. O fato concreto – é isso que eu digo de política – é que o quadro pertence ao estado francês, é patrimônio do estado francês. Tem um documento que se compromete a garantir a preservação do quadro aos descendentes; é uma penetração.

Rodrigo: *É por isso que você diz que os seus bóias-frias entraram no Grand Palais?*

Guaães Netto: Não, isso foi na exposição Grands Jeunes. Tem um salão que chama Grands Jeunes, “grandes jovens”, e eu não era nem grande nem jovem [risos]. Mas Le Parc me apresentou. Essa é outra coisa interessante: Le Parc foi quem me apresentou ao crítico que comprou o quadro “Os retirantes”. Qual é o artista brasileiro que abre para o outro uma proposta de compra? Ele fica com medo, [pensa:] “Ah, eu quero vender o meu quadro”.

O único que visitou o meu ateliê e foi almoçar comigo aqui [em Itapetecica da Serra] foi Le Parc; nenhum dos amigos – Mário Gruber, Antônio Henrique, que eu conheço de muito tempo antes – vieram. É uma maneira individualista de conceber. Nós fomos fazer um almoço com Mário Gruber, [Cláudio] Tozzi, Antônio Henrique e eu. Tiramos fotografia e tudo o mais. Na realidade é diferente, é totalmente diferente. Antônio Henrique disse que eu cometi um suicídio cultural saindo da França, ele acha que, profissionalmente, foi um suicídio; e, na realidade, foi, porque um quadro que eu fizesse na França – vamos supor, aquele quadro dos bóias-frias que levei muito tempo fazendo – eu tinha a certeza de que, durante o ano posterior à feitura, ele iria para a Espanha ou para a Suécia iria para a Itália, o quadro com o catálogo, como todos os outros. Aqui no Brasil ocorre alguma coisa? Nada.

Rodrigo: *A sua reintrodução no Brasil foi... complicada, não é?*

Guaães Netto: Não houve, não houve. O negócio do Metrô [de São Paulo] foi totalmente aleatório. Dá seus frutos, claro. Por exemplo, um cara me telefonou dizendo que viu o meu trabalho no Metrô e ficou me procurando. Ele dizia: “esse trabalho tem tudo a ver com o meu jornal e eu vou procurar esse cara”.

A gente tem que fazer o que tem que fazer. Vocês estão me dando um espaço, eu estou indo.

As ideias são frutos de um processo; nós somos um todo e quem vai recuperar... É como uma corrida de revezamento, em que você vai passando o bastão para o próximo... Você tem que correr para passar lá na frente.

Rodrigo: *Só para concluirmos, o que mudou efetivamente? Você voltou da França para cá...*

Guanaes Netto: Bom, primeiramente, o seguinte: pelo que nós lutávamos antes da ditadura?

Rodrigo: *Segundo você fala, por mudança, pela possibilidade de mudança...*

Guanaes Netto: Sim, para vencer a desigualdade social, [conseguir] direitos para todos. Veio a ditadura, veio o “milagre brasileiro”, enriqueceu muita gente, houve um estruturamento do país. A pobreza aumentou ou diminuiu? A pobreza aumentou. Acabou de sair um relatório científico, de um instituto altamente competente, que diz que o agronegócio é maléfico à economia brasileira e ao povo brasileiro – e prova.

Rodrigo: *Você viu isso no Le Monde?*

Guanaes Netto: Não, eu ouvi no Observatório da Imprensa, da *Rádio Cultura*. Ele critica o fato de que a imprensa não deu o devido valor a esse relatório, o que prova que essa política do agronegócio é uma mistificação, um engodo para o povo brasileiro, para economia brasileira e para o futuro do país.

Voltando à questão da ditadura: ela não resolveu os problemas sociais brasileiros. Como a gente dizia: há a possibilidade de solução para a desigualdade social, mas ela continua progressiva. A crise aumentou os números [relativos à] desigualdade. O termo ditadura é usado pela mídia em termos de classe média, de gente que pôde aproveitar a liberdade... porque não é “só” ter direito à liberdade, porque muitos “têm direitos”, mas não podem aproveitar. Eu não tenho emprego, eu não tenho instrução, eu sou analfabeto, eu moro no Nordeste e não posso sair de lá, então, a liberdade para mim não existe. Se a grande maioria sofre esse impacto da desigualdade, como é que a gente pode falar de democracia? A ditadura atingiu aqueles que têm certos privilégios, que é aquele que tem direito de falar, direito de se expressar, o direito de ser menos enganado; porque nada mais enganoso do que a classe média que vai pela mídia. A Globo é a mídia brasileira da classe média. Eu nem vejo jornal. Então, se a gente avaliar em termos históricos mais longos, na realidade, o problema da ditadura atingiu alguns núcleos mais decididos à transformação. Na época de Jan-

go, houve um problema dito da seguinte forma: “Jango quis abrir, mas, infelizmente, o pessoal não lê o suficiente para entender que havia uma proposta de mudança”. Não havia... não passa a informação. Agora, eu digo, nesse estado atual de crise, felizmente o povo não vai pelos jornais [risos], porque não lê, mas vai pela Globo. Então, veja bem, se o objetivo é uma igualdade social, nós estamos numa ditadura econômica. Agora, essa ditadura econômica, que é material, séria, nunca foi alterada, ela só se agravou. Lógico que não se agravou no sentido de que a tecnologia da sociedade hoje é mais avançada, a gente se beneficia da tecnologia. Mas, em termos de avanço, a pirâmide, ela continua cada vez mais acentuada: a base é muito maior do que o pico. Disseram no relatório: o agronegócio beneficia 1%. O agronegócio de exportação beneficia um mínimo da população e prejudica todo o resto.

Veja, por outro lado, a desmoralização do STF [Superior Tribunal de Justiça]. Hoje, se você disser: “Vamos fechar a Assembléia e o Senado”, o povo vai dizer, em torno disso tudo: “Que feche!”. Todo mundo recebe dinheiro por fora, uma avacalhada total. O povo vai dizer: “Que feche!”. O [que diz o deputado Jair Bolsonaro], apesar de ser grosseiro, significa que tem muita gente pensando alguma coisa com esse desgaste. E, principalmente, desgaste num momento que corre risco de um avanço popular, por causa da crise econômica. Quer dizer que, havendo um avanço da crise econômica e do desemprego, aumenta a repressão, aumenta a contenção e aumenta a marginalidade; e aumenta a necessidade da classe média, do pessoal que tem seu emprego e quer garantias e vai justificar, vai achar muito interessante preservar a ordem. Eu estou associando a ditadura como fruto do capitalismo, não como uma aberração do capitalismo; como uma questão natural dentro do próprio capitalismo em um país como o nosso.



Uns dos painéis de Gontran que compõem a coleção do Metrô de São Paulo. Estação Marechal Deodoro. Gontra Guanaes Netto, 1989/1990